ANNO XV

NUM. 1

Bem-Te-Vi



Janeiro de 1937

Tempo e Trabalho

— Tenho um presente de Natal para cada criança da enfermaria das meninas, no hospital, Aída disse alegremente, de volta da aula de piano, em companhia de Vilma, sua nova vizinha.

— Imagine ! disse Vilma. Deve ser muito bom ter tanto dinheiro para gastar.

Aída riu e convidou :

— Venha vê-los. Você vai gostar.

— Vou pedir licença à mamãe e já volto, disse Vilma.

Cinco minutos depois ela subia a escada da casa da amiguinha.

— Está tudo pronto para tio José levar para a cidade, Aída contou a Vilma. Você sabe, tio José é medico e vai sempre ao hospital. Ele levará os presentes.

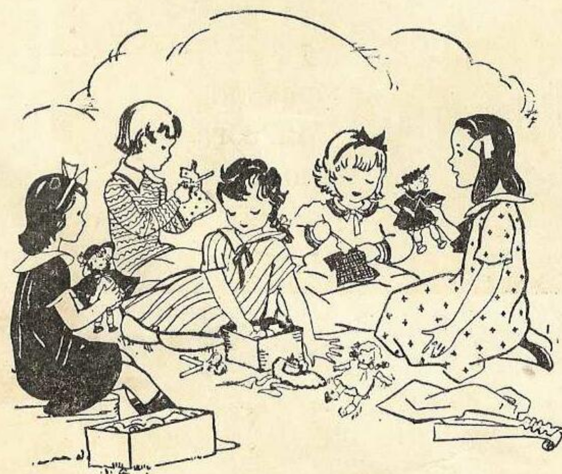
— Foi êle quem deu o dinheiro ? perguntou Vilma.

Aída parou com uma caixa entre as mãos.

— Sabe, ela disse séria, eu queria fazer alguma coisa para as doentinhas do tio José, mas dinheiro mesmo não havia. Contei-lhe isso e ele lembrou que me faltava dinheiro, mas sobrava tempo. Combinámos então que durante o ano inteiro eu iria trabalhar vinte minutos por dia. Sem duvida alguns dias eu trabalhei mais, porém nunca menos que isso. Então aprontei presentes para os aniversarios e para o Natal. Veja esta caixa.

Dizendo isso, ela levantou a tampa. Havia dentro tres bonecas de papel e varios vestidinhos bem cortados e coloridos.

— Que lindos ! exclamou Vilma. E não são dificeis de fazer. Eu sou capaz disso.



— Você poderia fazer tudo que está aqui tão bem como eu. E é divertido. Naquele canto está uma pilha de livros feitos de papel grosso de embrulho. Guardei os papeis fortes de embrulho, cortei as folhas e costurei-as a máquina. Depois preguei nelas gravuras coloridas de revistas. Isso é para as crianças que gostam de figuras.

— Agora vem o mais dispendioso dos presentes, ela continuou, rindo muito, enquanto apontava para uma fileira de caixas. São presentes de Natal.

Abrindo uma, ela mostrou à amiga uma bonequinha de celulóide com um pequeno enxoval.

— As bonecas são presente de tio José, disse Aída. Ha uma para cada menina. Eu passei horas divertidas fazendo as roupinhas. E ainda tenho outra coisa, Aída acrescentou, abrindo nova caixa. Ha aqui colares de estrelinhas para sopa, tingidas de diversas cores, um para cada menina. Titio diz que elas vão gostar demais dêles. Isto é o que arranjei para este ano. Mas para o ano que vem espero inventar muitas outras coisas e vai haver presentes que nem sei.

— Vai, sim, disse Vilma, porque eu tambem hei de ajudar. Mas Aída, não esqueça os meninos. Se eu ajudar, nós poderemos trabalhar para eles tambem. Sei fazer joguinhos interessantes de que os meninos gostarão. Duas trabalhando conseguem o dobro. Talvez alguma outra menina queira tambem ajudar. Uh ! Tive uma idéia ! Vamos fundar um clube, o *Clube da Boa-Vontade*. Se todas trabalharmos meia hora por dia não precisaremos esperar por Natal e aniversarios, mas teremos sempre alguma coisa para mandar. As crianças precisam delas o ano todo.

— Esplendido ! exclamou Aída. Que alegria trabalhar em clube ! Você pensa que daria tempo de aprontar presentes para os meninos tambem, se trabalhassemos todas juntas ?

— Creio que sim, Vilma disse com ardor. E vamos fazer tudo isso, Aída, porque você aprendeu a gastar o tempo em vez de dinheiro, com os outros. Você deve ser a presidente de nosso clube.

E assim cada menino e cada menina do hospital receberá um presente no próximo Natal.

Bem-Te-Vi

Matriculado conforme o decreto 24.776 de 14 de Julho de 1934.

ANO XV N.º 1
REVISTA MENSAL

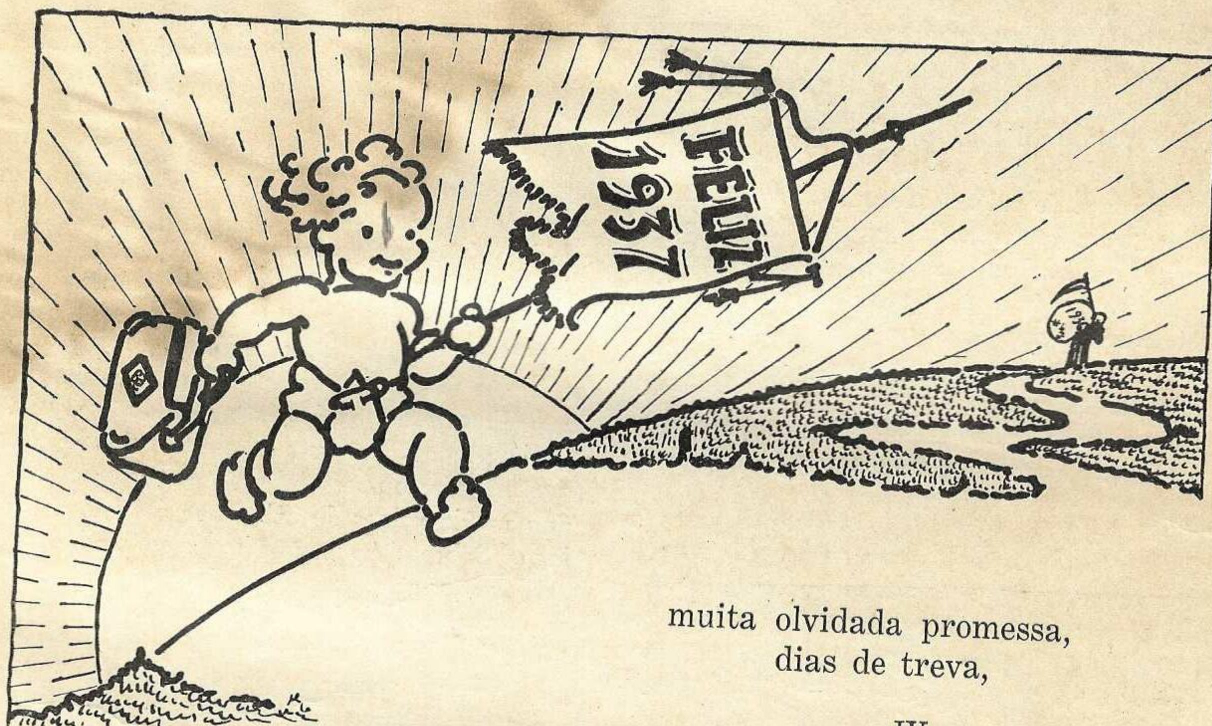
Redação: Av. Condessa de São Joaquim, 155
Oficinas: Rua da Liberdade, 117

ASSINATURAS
ANUAL . . . . 10$000
AVULSO . . . . 1$000

Redatoras: Nancy R. Holt
Adelina de Cerqueira Leite
Desenhista: Celia Rocha Braga

São Paulo, Janeiro de 1937

Gerente responsavel: Servulo C. Sant'Anna
Sub-Gerente: Fernando Buonaduce



I

Ei-lo na estrada da vida
que já surge, alviçareiro.
Vem trazendo a toda brida
este Janeiro.

II

Vêde o sadío menino,
que corre com passo ledo,
que traz na mala o Destino
e não tem medo!

III

Fugindo, o Ano Velho à pressa,
bondoso, consigo leva
muita olvidada promessa,
dias de treva,

IV

o temor, a desconfiança,
o desengano, o castigo,
a malograda esperança,
leva consigo.

V

Ano Novo, sê benvindo,
dá-nos força e dá coragem
de que és, menino lindo,
a propria imagem.

VI

Que teu bonito estandarte
mil bons desejos expresse
a todos, em toda a parte,
é nossa prece!

O Ano Novo para Uei Dei Sing

Uei Dei Sing mergulhou debaixo das cobertas e logo adormeceu profundamente. O cheiro de bolos e quitutes enchia seu coração de alegria. A festa ia ser grande no dia seguinte. E' que os chinêses consideram o dia de Ano-Bom o mais importante do ano.

Uei Dei Sing não nascera nesse dia, mas era como se fosse seu aniversario, pois ele teria um ano mais com a entrada do Ano Novo. Além disso, cada peça de roupa que usasse teria de sêr inteiramente nova, desde as simples roupas de baixo, de flanela cinza-escura, até a túnica de setim vermelho, com debrum dourado, que só deixava à mostra uma ponta de calças chinesas de setim azul. Ele não usava mais as lindas grinaldas de flores com campainhas titilantes. Era já muito grande para isso. Podia ser que a vovó lhe désse uma gorra de setim preto como as dos meninos maiores, porque no dia seguinte êle já seria um ano mais velho. Embalado por pensamentos tão felizes, ele adormeceu.

Quando acordou, na manhã seguinte, perguntou à mãe se a deusa lhe deixara algum presente.

— Você fará melhor se fôr primeiro lavar depressa as mãos e depois espiar, aconselhou a mãe.

Uei Dei Sing nunca foi tão pronto em obedecer. Quando entrou no saguão, onde havia uma prateleira comprida defronte da porta de entrada, fez uma mesura para as tábuas dos antepassados, que estavam envoltas no incenso que se queimava diante delas. Depois, com pressa passou os olhos pela sala para vêr se a deusa o tinha visitado enquanto dormia. Debaixo da mêsa alta encontrou um pato de mola; atrás de uma cadeira, um enorme papagaio de papel, com tiras compridas de muitas cores. Atrás do relogio descobriu um pássaro, dêsses com que as crianças da China brincam, erguendo do chão com o calcanhar. Tem a forma de um ovo e é feito de chumbo, com uma pena colorida e brilhante em cada extremidade, para ir melhor pelos ares com o chute. A criança que mantém o passarinho no ar com o maior numero de golpes de calcanhar é campeã no jogo. Sobre o *kann*, um banco comprido de madeira, comum nos lares chinêses, estavam as roupas novas de Uei Dei Sing. A vovó tinha-lhe dado um relogio-pulseira, estrangeiro. Era o presente que ela reputava mais indispensavel, pois tinha loucura por relogios, como a maioria dos chinêses.

Uei Dei Sing vestiu logo suas roupas novas, depois de ter provado todos os doces que recebera.

— Agora, minha veneravel mãe, posso acompanhá-la nas visitas ? êle perguntou.

E' costume na China todos os amigos se visitarem, trocarem presentes e refrescos nesse grande feriado, o dia de Ano-Novo.

— Venha depressa, Uei Dei Sing; precisamos ir ao templo antes de visitarmos nossos amigos, para agradecer aos deuses sua proteção no ano passado e pedir-lhes muitas graças para este ano, disse a mãe.

Ela o ajudou a vestir uma túnica comprida, carregada de brocados, aberta aos lados e atrás. Uei Dei Sing a custo conseguiu enfiar os botõezinhos de pano nas alças de seda, debaixo dos braços. Depois encolheu as mãos dentro das mangas e segurou as pontas juntas na sua frente. A mamãe lhe



fizéra os sapatos de setim preto, com solas grossas e pesadas, feitas de camadas e camadas de fazenda branca sobre papelão duro, todas elas bem costuradas umas ás outras.

Na rua todas as lojas estavam fechadas. Só se viam homens, mulheres e crianças entrando em liteiras ou rickshaws, todos prontos para as visitas. De vez em quando passava um portador de agua com uma comprida vara de bamiú sobre os ômbros e um grande balde de agua, tirada do rio, em cada ponta. Ha poucas casas com agua encanada. E sem agua não se pode passar, nem mesmo no grande feriado do dia de Ano Novo. Os sininhos do templo retiniram. Uei Dei Sing e a mãe disseram ao homem do rickshaw que corresse para êles não chegarem atrasados. Foi assim que Uei Dei Sing celebrou o Ano Novo.



Nossos bichinhos

Se um gigante da altura de uma arvore erguesse o leitorzinho pelas orelhas ou pelas costas, você não gostaria da coisa, não é? Lembre-se disso a próxima vez que erguer um coelho ou gato. Dóe a um celho ser erguido pelas orelhas. E' muito preferivel erguê-lo segurando com firmesa e jeito a pele frouxa logo abaixo de seus ômbros, com a outra mão amparando o quarto traseiro.

Os gatinhos recem-nascidos, carregam-nos as mães pelos cangótes. Mas nesse caso é porque elas não têm mãos. Além disso, os gatinhos são ainda muito leves. Nunca se deve erguer dessa forma um gato. Experimente pôr uma das mãos no peito de um gato, de forma que as patas traseiras descansem sobre o braço. Ele vai gostar desse modo. O mesmo se faz com respeito aos cãezinhos.

Os ratinhos podem ser erguidos pela pele das costas, mas como são bichinhos que por pouco se ressentem, é melhor segurá-los o menos possivel.

Se você precisa transferir o seu peixinho dourado para outra vasilha, use uma rede pequena ou peneira. Com as mãos mata-se frequentemente o peixinho.

Caso você tenha de pegar um canario, faça com as duas mãos como que uma gaiolinha, onde êle tenha algum espaço. Se cobrir-lhe a cabecinha, o passaro não se debaterá. Nunca o agarre por uma perna ou asa, que pode quebrar-se um osso frágil.

Boa regra é carregar pouco os bichinhos domésticos. Eles gostam de liberdade como qualquer criança e a gente pode ofendê-los seriamente com um gesto mais brusco.

Como DORA ganhou um presente

Era o dia seguinte ao do Natal e Dora estava brincando com Safira, sua boneca.

— Foi a senhora quem fez todas estas coisas para me dar no Natal, mamãe? ela perguntou, enquanto punha em Safira o casaco, a touquinha e os sapatinhos de tricot.

— Fui eu sim, filhinha, disse a mamãe, sorrindo.

— E a mantilha?

A essa pergunta, Dora embrulhou bem a boneca na lã macia e pô-la no carrinho novo.

A mamãe assentiu com a cabeça.

— Ah, eu gostaria de uma coisa!... disse Dora com misterio.

— Do que? perguntou a mamãe.

— Gostaria de dar um presente a Jesus. E' êle quem faz anos e é êle quem deve ganhar presentes.

— Quando a gente alegra os outros, está dando um presente a Jesus, a mamãe disse.

— Eu sei, respondeu Dora, mas queria dar um especial.

Safira, quasi do tamanho de uma criança de verdade, descansava agora com os olhinhos azuis muito abertos, sorrindo dentro do carrinho.

— Ainda não dei um presente para D. Catarina, continuou Dora.

— Que tal se você lhe fosse dar o seu agulheiro? perguntou a mamãe. Eu vou visitá-la de tarde, para conhecer o nenèzinho.

— E' mesmo! exclamou Dora. Posso ir tambem ver o néné, mamãe?

— Ele é muito novinho ainda; é um néné do Natal. Você pode ir, se quiser ficar bem quietinha. Vamos repartir com D. Catarina o que temos hoje em casa — vamos? Ela deixou de trabalhar ha bastante tempo, e agora, com o néné para cuidar, não poderá vir tão cedo fazer o serviço da casa. Vamos ver o que podemos levar.



Dora ajudou a mãe a pôr numa cesta um pedaço de queijo, açucar, manteiga, uma lata de geleia, biscoitos e bolo. Depois embrulhou seu agulheiro em papel de seda e ela mesma carregou a garrafa de leite.

— Mas não levamos aqui nada para o néné, a menina lembrou, assim que foram saindo.

— Ele é muito pequenino ainda e não quer saber destas coisas. Por enquanto basta que sua mamãe possa alimentá-lo. Isto aqui é para ela e para o pai.

— E eu só estou pensando no néné, disse Dora, preocupada.

A porta da casa de D. Catarina estava aberta e alguem disse:

— Entre!

As duas foram direito para o pequeno quarto. A primeira coisa que Dora viu, quando colocou a garrafa de leite ao lado da cesta, sobre a mesa, foi uma criança dentro de um caixotinho forrado com cobertor, sobre duas cadeiras, ao lado da cama. Estava dormindo, com as mãozinhas cerradas, voltadas para cima.

O dia era chuvoso e humido, mas na cama da mãe não havia um cobertor. D. Catarina, do seu leito, sorriu para as visitas.

— Mas a senhora não pode ficar sem o cobertor! exclamou a mamãe. Vou mandar buscar um já, já. Precisa de mais alguma coisa? E como vai o néné? Ele é tão miudinho — mas que gracinha! Dóra, vá correndo buscar o meu cobertor cinzento. A senhora tem alcool aí, D. Catarina? Vou fazer-lhe um pouco de chá na espiriteira.

Em menos de cinco minutos Dora estava, ofegante, em casa. Pegou o cobertor e correu para o quarto de brinquedos. Tirou Safira do carrinho e disse, despindo-a depressa:

— Meu benzinho, é uma pena, mas... você ainda gosta das suas roupas velhas, não é mesmo? Uma criancinha de verdade, um néné do Natal, está precisando destas roupas novas, e da mantilha e de tudo. Ela está

com frio, dormindo numa espécie de mangedoura.

Enrolando todas as roupinhas no cobertor, Dora deitou Safira no carrinho e voltou correndo. Encontrou a mamãe esperando à porta da casa de D. Catarina.

— Eu trouxe uma coisa para o néné do Natal, Dora disse.

A mamãe seguiu-a até o quarto, onde, por sobre uma chicara fumegante, D. Catarina sorria.

— A senhora acha que servem? a menina perguntou, abrindo pressurosa o embrulho, na beira da cama. Safira é grande e êle é tão pequeno — quem sabe se servem?

— Porque D. Catarina chorou, mamãe? perguntou Dora, quando elas iam conversando, de volta para casa.

— Chorou de alegria, filhinha. Precisamos cuidar dêles até as coisas melhorarem. E quem sabe, Dora, se você achou o jeito de dar aquele presente especial, não é mesmo?

— Será? disse Dora pensativa. Mas o certo é que este Natal foi o mais bonito da minha vida. Para mim é como se eu tivesse recebido um presente do néné de D. Catarina.

Petiscos para os Bem-Te-Vistas

TORTA DE ABACAXI

MASSA:

1½ chicara de farinha de trigo
½ colher (de chá) de sal
½ chicara de manteiga
agua fria (4 a 6 colheres de sopa)

Peneire a farinha com o sal, junte-lhe a manteiga, misturando-as com a ponta de uma faca (em movimento cortante). Acrescente a agua gradualmente, usando apenas a quantidade suficiente para dar boa consistencia á massa. Depois de pronta, estenda-a sobre mesa levemente polvilhada com farinha. Forre com ela a forma para a torta. Deixe algumas tiras de massa para trançar sobre o recheio da torta. Leve ao forno, depois de recheiada com o seguinte:

RECHEIO DE ABACAXI

5 fatias de abacaxi
1½ chicara de açucar
2 colheres de sopa, de maizena

Corte cada fatia de abacaxi em 4 pedaços e cozinhe-os devagar com um pouco de agua e açucar. Depois de bem cozido, retire o abacaxi da calda. Dissolva a maizena em um pouco de agua fria e acrescente-a ao resto da calda de abacaxi que deve ter ficado ao fogo. Deixe ferver até engrossar. Retire êsse creme do fogo e derrame-o dentro da massa posta na forma. Cubra-o com os pedaços de abacaxi cozido, enfeite com as tiras de massa e leve ao forno para assar. Forno quente, durante 20 ou 25 minutos.



BOLO DE BANANA E NOZES

½ chicara de manteiga
1 chicara de açucar
2 ovos (batidos)
2 chicaras de farinha de trigo
½ chicara de leite
2 colheres (de chá) de fermento em pó
1 pitada de sal
casca de limão ralada
2 bananas cortadas em fatias bem finas
½ chicara de nozes picadas

Bata a manteiga e o açucar; acrescente os ovos batidos, em seguinda a farinha, o sal e o fermento peneirados juntos, gradualmente com o leite. Acrescente a casca de limão ralada e as fatias de banana. Leve ao forno em forma untada, depois de ter espalhado as nozes picadas sobre a massa. Forno regular. Esta receita serve para se fazer em forminhas de papel. Dá para cerca de tres duzias.

O Velhinho dos Desejos



Um velhinho com longas barbas prateadas entrou no quarto em que Arlindo dormia profundamente. Ele depôs no chão um saco pesado, cheio de desejos, sobre o qual se sentou, pondo-se a enxugar o suor de suas sobrancelhas cerradas.

— Então, Arlindo, sempre cheguei ao seu quarto! Pensei nunca poder encontrá-lo! Que caminho enorme até aqui! murmurou o velhinho, e este saco está abarrotado de desejos, e pesa como chumbo.

— Ah, disse Arlindo esfregando os olhos, é o velhinho da floresta! Agora posso vê-lo bem, mas hoje de manhã quando conversei com o senhor no jardim, só podia ouvir sua voz. Então o senhor trouxe o saco dos desejos e agora eu posso escolher meu desejo?

— Póde, respondeu o velhinho. E eu trouxe este saco cheio de todos os desejos possiveis.

Dizendo isto êle espalhou, diante dos olhos maravilhados de Arlindo, automoveis, trenzinhos, aeroplanos, bonecos, navios, mil brinquedos lindos. Eu não posso contar para vocês tudo que um homem dos desejos traz no saco, porque os meninos e as meninas querem tantas coisas que o velhinho da floresta tem de ter sempre um sortimento completo.

Arlindo examinou todos aqueles objetos com cuidado. Era dificil escolher o que êle gostava mais, entre tantos, maravilhosos. Quanto mais olhava, mais queria tudo aquilo. Mas o velhinho tinha prometido só um desejo.

Arlindo já estava para dizer ao velhinho que ele queria qualquer coisa daquele saco, porque não podia escolher uma, quando espiou dentro de uma caixa escura, que tinha a tampa meio aberta. Enxergou uma coisa azul com botões dourados. Foi para mais perto e então viu — imaginem só! — o que êle mais queria neste mundo. Era um casaquinho azul-marinho, com uma chapa dourada ao peito, um boné azul com viseira preta e uma insignia lustrosa, um par de luvas brancas e um apito de prata, novinho.

Arlindo não hesitou mais. Com os olhos brilhando e o coração quasi a derreter de gozo, exclamou:

— Ah, meu velhinho, achei o que eu mais queria!

— Hum! disse o velhinho. Já sei que é esta locomotiva. Os meninos são louquinhos por ela.

— Não é; não é a locomotiva. Adivinhe outra vez.

— Pois então é a caixa de ferramentas. Todo menino gosta disso.

— Não. Errou outra vez; não é a caixa de ferramentas.

— Então... deixe-me pensar.

O velhinho começou a cofiar a barba, pensando.

— Deve ser o aeroplano que você está querendo, Arlindo; não póde ser outra coisa.

— Pois não é. O senhor não acerta mesmo. Eu estou querendo aquela roupinha de guarda-civil, isso sim! Eu quero ser um guarda forte, elegante, para mandar nos carros das ruas.

— Hum! disse o velhinho, assoprando pelo nariz. Guarda-civil! E' um encargo muito dificil para um menino. Imagine só! Um guarda-civil precisa saber todos os regulamentos do tráfico. Precisa evitar acidentes. Precisa ajudar as crianças e os velhos a atravessarem a rua, quando o tráfico está congestionado. Precisa saber a hora certa de soprar o apito e mandar os carros passarem. Precisa ficar em pé, bem direito, ser amavel, honesto, e saber tanta coisa que eu não sei se . . .

— Mas, meu bom velhinho, suplicou Arlindo, eu já sei todos esses regulamentos de tráfico. O senhor prometeu dar-me o que eu quisésse, e um cavalheiro sempre cumpre a sua palavra.

— Eu sei, eu sei, disse o velhinho. Mas como é que um menino vai saber os regulamentos do tráfico? como? E como pode ser um guarda-civil sem conhecer os regulamentos?

— Então o senhor nunca esteve na escola? perguntou Arlindo. Pois foi lá que eu aprendi essas regras, acrescentou com orgulho.

— Imagine! Quem já viu ensinarem regras de tráfico numa escola? Conte-me o que você aprendeu na escola sobre o cuidado que precisa ter ao atravessar uma rua. E se eu vir que você sabe mesmo as regras, ganhará o uniformezinho.

Então Arlindo disse:

— 1.ª regra: Sempre procurar atravessar a rua na esquina onde haja guarda-civil, para êle nos ajudar. Esse é o melhor modo de evitar desastres.

2.ª regra: Olhar com cuidado, mas sem perda de tempo, para todos os pontos donde possa aparecer um automovel, antes de atravessar.

3.ª regra: Nunca correr quando atravessamos uma rua, pois podemos cair e ser apanhados.

4.ª regra: Nunca brincar na rua, o que é muito, muito perigoso.

5.ª regra: Nunca andar de bicicleta ou patins em rua movimentada, pois os carros passam tão depressa que nem sempre podem desviar-se de nós.

6.ª regra: Nunca *chocar* veículo algum, nem nos pendurarmos a êles. E' perigosíssimo.

7.ª regra: Nunca correr atrás de uma bola na rua.

8.ª regra: Só atravessar uma rua quando se acende a luz verde e o guarda nos faz um sinal.

— Chega! Chega! disse o velhinho da floresta. Estou vendo que você sabe mais de regras de tráfico do que eu. Leve o casaquinho, o boné, as luvas, o assobio — tudo é seu. Eu sei que você vai ser o mais perfeito guarda-civil que já assoprou um apito nesta cidade.

E Arlindo foi, mesmo.



Minha prece

Quando eu tenho medo,
logo digo assim:
"Deus é meu amigo,
Deus cuida de mim".
Com tão simples prece
sinto que se aquece
o meu coração.
Fico corajoso
porque Deus bondoso
dá-me Sua mão.

A REGRA AUREA

Pelágio e Eurico eram colegas. Um dia voltavam do Grupo muito contentes porque a professora dera a cada um tres selos raros para as suas coleções. O album de Pelágio era mesmo uma beleza. Tambem, quanto lhe custára! Dois anos de esforço, economia, sem falar no cuidado para catalogar e colar os selos nos lugares certos. Para uma pagina do Japão ficar completa só faltava um selo. E naquela tarde a professora lhe dera esse, justamente.

— Venha em casa, Eurico, disse Pelágio. Venha ver-me colar o ultimo selo numa pagina do Japão. E depois, você poderá examinar as minhas duplicatas.

— Estou precisando trocar alguns selos pelos seus, retrucou Eurico, mas hoje não tenho tempo para isso.

Pelágio virava entre os dedos polegar e indicador o selo precioso, que examinava com prazer.

— Que maravilha! exclamou êle. Olhe, Eurico, eu hoje estou tão contente da vida que nem sei o que sou capaz de fazer...

Nesse momento os dois meninos passavam diante da venda do Snr. Manoel. Encostado à porta havia um saco de carvão, aberto. Pelágio relanceou os olhos para ali e para o muro do quintal do Snr. Manoel, todo caiado de novo — branco que era uma tentação.

— Vá andando, cochichou Pelágio ao ouvido de Eurico. Quando você ja estiver longe, vou fazer uma brincadeira. Vai ser gozado, rapaz!

— Mas o que é?

— Você vai só ver... e de longe, que é mais seguro! respondeu misteriosamente Pelágio.

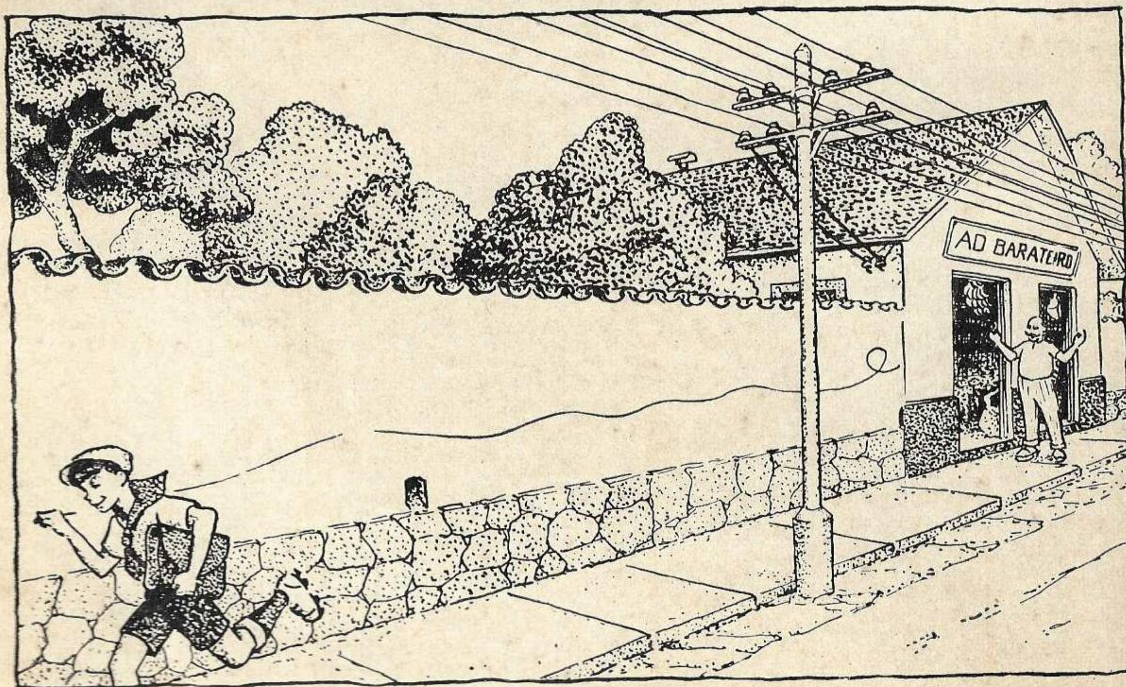
Eurico foi andando. Pelágio esperou que o amigo chegasse ao quarteirão seguinte. Então tirou depressa um pedaço de carvão e, correndo pelo passeio, foi rabiscando o muro inteiro. Vendo o gesto do menino, o Snr. Manoel saiu à porta de sua venda ainda a tempo de vê-lo terminando a travessura.

— Ah, menino! gritou o homem.

Eurico virou-se ao ouvir isso. O pobre vendeiro gesticulava e gritava, ameaçador. Pelágio chegou ao pé do colega, ofegante da corrida.

— Ele não pode correr até aqui! disse com voz entrecortada. Sofre do coração que é um horror.

— Então é essa a brincadeira? perguntou Eurico, entre surpreso e desapontado.



— Mas olhe só! continuou Pelágio, arrebentando de rir. Aquele Snr. Manoel por qualquer brincadeira fica assim *fula* da vida.

— Para êle não foi brincadeira, observou Eurico com seriedade. E nem foi uma brincadeira direita para você, que teve até de fugir deles.

— Ora, deixe-se disso. A gente não pode levar a vida assim tão a sério. Como coisa que o muro do Snr. Manoel é uma preciosidade, uma beleza!

— Não há mais nada de beleza nêle, com aquele risco de carvão, disse Eurico com coragem.

Os meninos estavam diante da casa de Pelágio.

— Entre, Eurico, convidou Pelágio. Você é meio exquisito, mas isso há de passar . . .

— Não, obrigado. Tenho que regar o jardim de casa. Até amanhã! disse Eurico, afastando-se.

— Até amanhã! gritou uma vozinha de criança, vinda do alto.

Era o Caíto, irmãozinho de Pelágio, que da janelinha do sótão respondia alegremente pelo irmão.

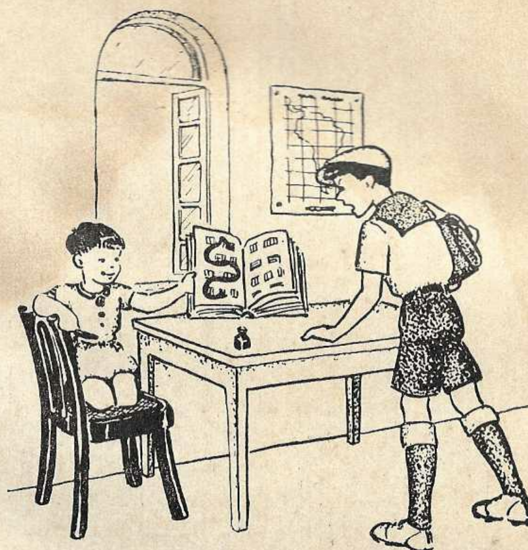
— O que está fazendo no meu quarto, garotinho? perguntou-lhe Pelágio com ternura.

— Venha ver! E' uma brincadeira gozada, rapaz!

Pelágio riu. Caíto estava imitando o seu modo de falar. Entrou em casa e subiu a escada que ia ter ao sótão. Quando chegou ao seu quarto, ficou pálido com o que viu. Sentado à sua mesinha de estudo estava Caíto, segurando a caneta na mão direita, toda borrada de tinta nanquim. Num gesto de triunfo apresentava com a esquerda o album de selos ao irmão:

— Veja que beleza! exclamou com orgulho.

— Você rabiscou no meu album! gritou-lhe Pelágio, correndo e arrancando o livro das mãos do pequeno. Que beleza, sim senhor!



— Foi por brincadeira . . . murmurou Caíto, de labios trêmulos, ao ver que Pelágio estava zangado.

— Brincadeira! Brincadeira para você, mas para mim . . .

Então se calou. Ele estava repetindo o que Eurico tinha dito. Caíto começou a soluçar. Pelágio examinou o seu album. A página estragada a tinta nanquim era justamente aquela, japonêsa, com um único espaço vazio. E agora de nada lhe adiantava o selo que recebera da professora. Duas lágrimas deslizaram pelo seu rosto. Ao vê-lo chorar, Caíto justificou-se, desesperado:

— Eu fiz por brin-ca-deira! Eu não sabia!

Pelágio sentiu um aperto no coração. Era verdade — o irmãozinho não sabia o que tinha feito. Mas êle era mais velho e tinha a obrigação de fazer as coisas melhor. Então Pelágio abraçou Caíto e disse:

— Sabe, meu bem, quando a gente faz uma brincadeira, precisa pensar primeiro se a outra pessoa vai ficar contente com ela. Mas eu sei que às vezes nós nos esquecemos disso . . Não chore mais.

UM BOM TRABALHO

Um homem, empregado na redação dum grande diário, recolhia a casa, perto das duas horas da madrugada quando encontrou um irmão, que morava bastante longe dali, a lavar um muro.

— Que estás a fazer aqui a estas horas?

— Passei por aqui de dia e vi neste muro uma porção de palavras grosseiras e obscenas. Quando me deitei, lembrei-me do muro, e não consegui adormecer tanto me afligia pensar na quantidade de pessoas que esta manhã, ao passar para o seu trabalho, iam ler essas imundicies. Então levantei-me e vim lavar o muro.

Do "*Raio de Sol*".

NUNCA



Romeu, no alto da escadinha, abraçando os joelhos, conversava com o seu cãozinho Pirão, que no ultimo degráu encarava o dono.

— Os vizinhos novos têm uma gata, dizia Romeu, mãe de um gatinho lindo, de focinho branco.

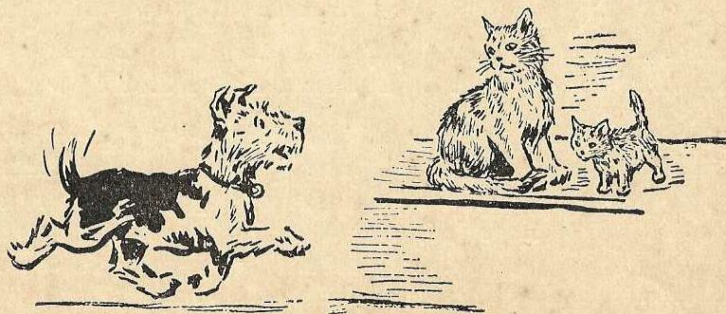
— *Um-m-m-m,* respondeu Pirão, como se compreendesse o que Romeu dizia.

E' mais que provavel que estivesse mesmo entendendo, porque já fazia um ano que Romeu e Pirão eram bons amigos. Romeu tinha contado para o Pirão muitos segredos sobre futebol, sapos, indios, aeroplanos, peixes, e uma porção de outras coisas que sua irmã Julieta, como menina, não podia perceber — pelo menos Romeu e Pirão pensavam isso.

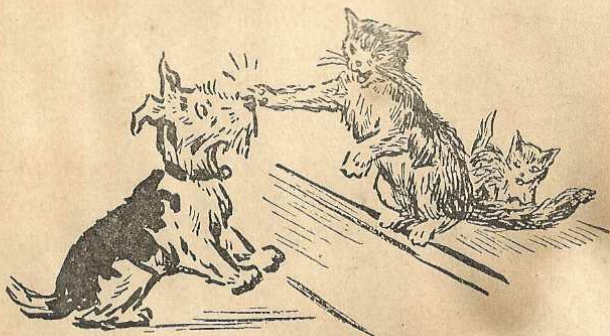
— Agora, Pirão, continuou Romeu, se eu fosse você, não ia do outro lado da rua. Gatas com filhotes não gostam de cachorros. Você vai ficar em casa, não é?

— *Au, au!* respondeu Pirão.

Mas no dia seguinte a coisa mudou. Romeu e Julieta foram para a escola. Era o primeiro dia de aulas depois de umas ferias compridas. Pirão ficou muito só. E antes de pensar como, ele



M A I S !



já tinha atravessado a rua ! Lá, num degráu, estava sentada a gata com o gatinho ao lado, todo cinzento e branco, como a mãe. "Que bons amigos para brincar", pensou Pirão, aproximando-se.

A gata ergueu-se e esticou o corpo. Pirão viu uma pelota branca no alto de suas costas. Pirão foi-se chegando devagar. A gata-mãe não se mexeu, mas os olhos foram ficando grandes, redondos. Pirão devia ter tomado cuidado, mas ele tinha esquecido o que Romeu tinha dito. Como é que ele podia saber o que a gata-mãe escondia dentro daquelas patas macias ? Ele chegou mais perto.

— *Au !* disse Pirão, querendo fazer amizade.

Então, foi um susto. Sem mais nem aquela a gata esticou uma pata cheia de garras afiadas. E antes de Pirão poder dar um pulo atrás, ela arranhou o nariz do pobre cãozinho.

— *Cunha-nháu* — *cunha-nháu* — *cunha-nháu !* fez Pirão, correndo a toda pressa para casa.

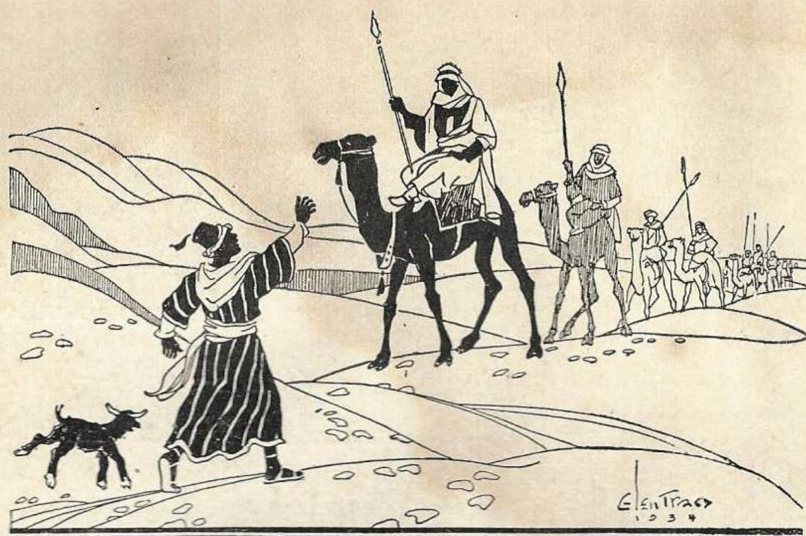
Chegando lá, meteu-se dentro do seu caixotinho e passou o resto da tarde lambendo o focinho e pensando no que Romeu ia dizer para ele. Só agora Pirão lembrava o que seu dono tinha dito.

Quando Romeu foi buscar o Pirão, deu logo com aquele arranhão no focinho.

— Bem que eu avisei da gata, Pirão, êle disse. Porque você desobedeceu ?

Pirão estava tão envergonhado que nem teve coragem de dizer *um -m-m*. Ele tinha tomado uma boa lição. Tambem, nunca mais !





O Cabritinho Divertido

CAPITULO IV

PONTOS NA AREIA

No meio da tarde, Diji, correndo os olhos pelo deserto, avistou uma longa fila de pontos escuros na areia, que se moviam. Diji observou-os por um pouco. Depois, sempre acompanhado do irrequieto cabritinho Zem, como se fôra de um cão, meteu-se pelo trilho em ziguezague que levava em casa, à caverna em Khattab. Ele queria ser o primeiro a anunciar que uma caravana se aproximava.

Ao apelo de Diji, as ruas de Khattab, que formavam como que prateleiras rochosas, ficaram logo formigando de velhos, de mulheres veladas e crianças travessas, todos à espera da caravana.

Afinal, através da areia do deserto brilhou uma esguia labareda de luz ; deslocou-se para cima, para baixo e transversalmente, em rapidos movimentos, por duas vezes. Diji deu um grito de alegria. Aquela luz era a ponta da lança com que seu pai, o Sheik Beni-Nef, feria os ares, fazendo assim, a grande distancia, a saudação secreta de sua tribu.

E era então de ver a agitação do pessoal, preparando a recepção ! Os mais finos manjares foram trazidos das dispensas, ao passo que se acendiam fogos sob os caldeirões. Por toda a parte ecoavam os baques surdos das mãos dos pilões moendo o grão.

Zem gostava de festas. Rodopiava alegre, dando ares de sua graça sempre que uma mulher não reparava nele. Oh, que cevada gostosa ! Que fino bocado de flôr de farinha ! Mas *bé-e – bé-e* ! Aquelas lindas casquinhas vermelhas de pimenta, como eram traiçoeiras ! Que ferrotoadas e que ardencia ! Zem espirrou, berrou, e até mesmo derramou lagrimas de cabrito com as picadas da pimenta !

— Eh! Para lá com essa peste ! gritou o bando de mulheres, lançando Diji e Zem fóra do páteo.

Mas naturalmente que êles tinham mesmo de ir ! Esperava-os trabalho de homem no poço. Precisavam tirar agua para os camelos sedentos do Sheik.

Já era quasi hora do sol se pôr quando a fila de camelos finalmente chegou ao pé do poço do Rochedo Khattab. O Sheik Beni-Nef chefiava a caravana. Um cordão dourado atava-lhe o turbante ; dos ombros pendia um manto escarlate. Para Diji o pai era o homem mais magnifico do mundo. Quando o camelo alto do Sheik se ajoelhou e o viajante desceu, Diji avançou, tomou a mão do pai, que levou aos labios e à testa, dizendo :

— *Salám aalikoum* ! (A paz seja convosco!)

— *Aalikoum salám* ! (Convosco seja a paz!) respondeu o chefe da tribu.

As palavras eram formais, mas os olhos negros de ambos brilharam de amor.

Naquela noite o Sheik Beni-Nef e seus tres primeiros homens sentaram-se sobre

tapetes na caverna do chefe. Diante deles estava uma mesa baixa. Que festa lhes proporcionou a esposa do Sheik! Diji ajudou a trazer a enorme travessa, que media um metro de diametro. Embora pareça estranho, em cima dela havia um chapéu cônico. Era a tampa da vasilha, feita de palha.

Quando a tampa foi erguida, espalhou-se um delicioso aroma de cuscús preparado com dois frangos inteiros, um rico recheio de trigo cozido, pedaços de carneiro, oleo de oliva e azeitonas picadas. Não havia facas, nem garfos, nem colheres; os homens comiam com todo o decoro, usando os dedos da mão direita.

Diji ficou ao lado do pai para ajudá-lo a servir. Ele passava as vasilhas com agua e as chicarazinhas de chá forte, bem açucarado.

Acabada a refeição e feita a narrativa das descobertas de novas pastagens verdejantes, Diji teve licença de oferecer um espetáculo de diversão aos hospedes de seu pai.

Com o coração aos saltos o menino introduziu na sala seu novo bichinho, Zem. Depois tocou na flauta a velha canção "Trota, burrico, trota". Ah, faria o cabritinho Zem as artes divertidas daquele dia, no deserto? Sim, ei-lo de novo atuando, o bichinho adoravel! Aos primeiros sons da musica Zem começou a espernear, dar cabriolas e cumprimentar.

Como os homens riram! Diji teve de responder a muitas perguntas sobre a origem daquele cabritinho.

O Sheik Beni-Nef chamou o bichinho, que examinou cuidadosamente.

— Ah, é como eu pensei, disse êle. Este cabritinho não é qualquer um. Olhem, ainda ha aqui numa de suas patas vestigios de pintura dourada, e nos chifrezinhos tambem.

— Mas eu posso ficar com êle? Pois que o achei, é certamente meu, disse Diji.

— Não, respondeu o Sheik. E' preciso que se saiba que êle está em nosso poder. Se o dono vier procurá-lo, Zem será dele.

Diji sentiu uma dôr no coração. *Illahya*! Como poderia restituir aquele bichinho ao qual êle já queria tanto bem? Mas, afinal — e aí suas esperanças renasceram — podia ser que ninguem jamais o viesse reclamar. Era melhor aproveitar a companhia alegre de Zem, enquanto o bichinho estava ao seu lado.

Com um estalido de lingua Diji conduziu Zem a um canto distante para repartir com o cabritinho divertido as coisas gostosas que ele tinha guardado do banquete.

(continúa).



ALICE, a Abelha e as Formigas

Um dia, Alice nada tinha a fazer. Então foi sentar-se na escadinha de trás. Forrou o ultimo degráu com papel, porque estava sujo, e ficou ali.

Uma abelha zumbia perto, dentro de uma flôr, à cata de mél.

— Porque você faz isso? perguntou Alice.

Mas a abelha estava muito ocupada e não respondeu.

Alice olhou para baixo. Centenas de forminguinhas levavam comida para sua casa.

— Porque vocês fazem isso? perguntou Alice.

Mas as formigas estavam ocupadas demais para responder.

— Quem sabe é melhor eu arranjar tambem uma ocupação, disse Alice.

Então ela pegou sua vassourinha e começou a varrer os degráus da escada.

A abelha parou um momento, olhou para Alice e foi-se embora zumbindo.

As formigas tambem olharam um instante para Alice e continuaram a carregar a comida.

Mas Alice não olhou para ninguem. Ela estava muito ocupada, varrendo. Primeiro varreu o degráu de cima. Depois, varreu o degráu do meio. Por fim, varreu o ultimo degráu. Agora a escada estava limpinha e Alice satisfeita por ter trabalhado como a abelha e as formigas.



PORQUE DORMIMOS?

A melhor resposta que podemos dar a essa questão é que o sono cura o nosso cansaço. E' um grande medico. Ele faculta aos nossos corpos o recuperarem-se das fadigas de um dia de atividade. O adulto de saúde normal gasta cerca de um terço da existencia dormindo. Por exemplo, o indivíduo de quarenta anos que tem o hábito de dormir oito horas, se chegar aos setenta terá dormido dez dos ultimos trinta anos de vida. Longe de ser desperdicio de tempo, esses dez anos de sono habilitam-no para tudo que êle tem de fazer durante os vinte em que está acordado.

A perda de sono uma ou duas noites pode ser reparada, mas o pouco dormir noite após noite minará a saúde mais robusta e transformará o individuo alegre em um de máu humor e irritável. O sôno é tão essencial para a vida e a restauração dos tecidos que se ficassemos acordado por periodo demasiado longo poderiamos, de fato, "dormir em pé".

As crianças devem dormir o tempo devido para crescer normalmente. Durante o sôno sadio as atividades vitais são reduzidas e o corpo pode, com especial liberdade, não sòmente reparar os tecidos gastos como construir novos. Este ultimo processo é chamado crescimento. Portanto, para uma criança crescer normalmente ela tem de dormir o necessario para tal.

Bom-humor dificilmente se verá sem o concurso de bem-dormir. Quando uma criança está impertinente, agitada ou rebelde à disciplina, a causa não é provavelmente que tirou ao tio Oscar, do outro lado da familia, mas que está exgotada. Criança cansada é criança "feia". Seria tolice e sem proveito discipliná-la nessas condições. As horas de sôno da criança devem ser sagradas.

Visto que os nenés crescem muito depressa, precisam dormir bastante. Nos primeiros anos de vida passam em sôno a maior parte do tempo. Com o decorrer dos anos o número de horas necessarias ao sôno decresce gradualmente, de acordo com a seguinte tabela:

(Em 24 horas)

Recem-nascido	20 a 22 horas
Aos 6 mêses	16 a 18 horas
Com 1 ano	14 a 16 horas
Dos 2 aos 5 anos.....	13 a 15 horas
Dos 6 aos 7 anos.....	12 horas
Dos 8 aos 10 anos.....	11 horas
Dos 11 aos 12 anos.....	10 a 11 horas
Dos 13 aos 15 anos.....	10 a 12 horas

Quando acordadas, as crianças "não têm parada". Gastam demasiada energia e consomem muitos tecidos do corpo.

Até aos seis anos a criança precisa dormir de dia. Deve vestir a camisola e ir para a cama. Se isto é para ela um hábito sobre o qual se insiste, não fará objeção nem se lhe oporá. Em geral, sòzinha no quarto, cairá no sôno. E ainda que não durma, o simples repouso longe de outros é-lhe salutar. Ás crianças de seis, sete e oito anos será de proveito descansar diariamente entre os estudos e brinquedos.

1. O repouso de uma criança dependerá grandemente do modo como passou o dia. Deve ter-se alimentado adequadamente, brincado, tomado sol, dormido, tudo numa atmosfera de paz.

2. A comida do jantar deve ser simples, nutritiva e de facil digestão. Não deve tomar liquido demasiado pela tarde.

3. A ultima meia hora antes de ir para a cama deve passá-la tranquilamente. Brinquedos agitados, correrias e histórias emocionantes não devem ser então permitidos e **nem tão pouco questões de disciplina e altercações de familia.** A criança que

vai dormir tem direito a sentir-se feliz, em segurança e paz com o mundo.

4. E' conveniente dar à criança aviso prévio de cinco minutos para que não seja arrancada bruscamente à sua atividade.

5. A criança aprenderá a dormir a horas certas se não lhe permitirem "ficar mais um pouco". As crianças gostam que os páis sejam firmes se êles mostram tambem ser justos e razoaveis. Se até então o seu filho não vai dormir a horas certas, comece esta noite essa disciplina de grande alcance, sem permitir a interferencia de circunstancias diversas.

6. Uma criança deve ter leito individual, cômodo; a roupa para dormir será larga, agradavel à pele e à vista. Abra as janelas. Deixe-a **no escuro** e máximo silencio possivel.

7. Se ir para cama representa tambem castigo, à criança não terá prazer nesse ato. A "hora de ir para a cama" deve ser apresentada como alegre no programa diario da criança. E' bom que a mãe a acompanhe ao quarto e a acomode bem. Se a criança tem medo do escuro, é que provávelmente alguem ou alguma coisa a assustou. **Nunca** se deve castigar fechando-a em lugar escuro. Podemos ajudá-la a restabelecer a confiança em si mesma, falando da escuridão como a coisa natural que é. No momento de dizer boa-noite, não aparentemos muita pressa em sair do quarto, nem lhe mostremos excessiva solicitude. Devemos deixar a criança à noite com um sentimento de camaradagem, simpatia e segurança.

Quando a criança ultrapassa os dez anos, entra na adolescencia, outro periodo de crescimento rápido. Meninos e meninas entre as idades de treze a quinze anos precisam de mais sôno que os de onze ou doze, em virtude do aumento de crescimento e transformações do corpo. Essa necessidade cria por vezes problemas domesticos, pois, nessa idade permite-se-lhes ficarem acordados até mais tarde que os irmãos dois ou tres anos abaixo.

Oito horas é geralmente considerado tempo suficiente de sôno para um adulto. Alguns precisam de mais, outros de menos. Cada qual deve ser juiz nessa questão e por experiencia propria resolver quantas horas de sôno necessita para sentir-se bem e trabalhar eficientemente no dia seguinte.

Exercicio ao ar livre, diariamente, proporciona-nos melhor sôno à noite. Por outro lado, excesso de exercicio torna-nos fatigados **demais** para dormir. Emoções, árduo esforço físico ou mental, imediatamente antes de ir para a cama, deixam-nos em estado de tensão nervosa incompativel com o de abandono que se faz mistér. Se quer passar bem a noite, antes de ir para a cama diminua a marcha, como um navio antes de entrar no porto.

Cobertas leves e que aquecem são essenciais para o nosso conforto. E' dificil dormir se estamos com calor ou frio em demasia. As cobertas devem ser presas, mas não muito apertadas afim de não impedirem os movimentos. As janelas do quarto devem estar abertas para assegurar a renovação do ar.

Deitar-se com os músculos tensos e a mente preocupada não convida ao sôno. Ainda que extranho, procuramos em vão o sôno quando mais dêle necessitamos. Afastam-no aborrecimentos, aflições, receios. E' bom estabelecer-se desde cedo o habito de não ponderar sobre problemas depois de ir para a cama; só com grande força de vontade isso se adquire mais tarde.

Há quem satisfaça todos esses requisitos sem conseguir dormir, porque não sabe afrouxar-se. Relaxar completamente não é simples e exige por vezes aprendizagem longa. Primeiro temos de aprender qual seja a sensação de um músculo tenso e qual a sua causa. Por exemplo, se se deixa cair o braço e depois curva-se à altura do cotovelo, experimenta-se tensão onde fica o **biceps.** Essa sensação no braço é relacionada com o ato de dobrar o cotovelo. Assim fica demonstrado que tensão representa esforço. Frouxidão é o extremo oposto de tensão. Relaxar não exige esforço. A propria palavra indica abandonar-se, cessar de agir. Quem aprende a relaxar desenvolve a capacidade de fazê-lo com os musculos dos olhos e da garganta. E se ainda assim o sôno não vem, só o fato de ficar quieto na cama, com todos os músculos relaxados, repousa o corpo e possibilita a restauração dos tecidos gastos.

A SACOLA DO MASCATE



Rosita pôs o livro de lado.

— As coisas boas sempre acontecem nos livros, ela falou.

Espreguiçou-se como um gatinho e olhou para seu irmão Paulo, que, ajoelhado diante da lareira, arranjava um ninho de cinzas quentes para assar umas batatas.

Rosita não estava mais com vontade de ler. Tinha muito em que pensar. Faltavam só tres semanas para o Natal. Ela e Paulo tinham combinado comprar um vestido de seda para a mamãe, mas *como* comprar era o problema. Os dois tinham seriamente estudado o caso. Nem ajuntando todo o dinheiro de suas economias poderiam comprá-lo.

O vestido de crepe azul, da mamãe, estava desbotado e feio. E' verdade que ela sorria e dizia que estava bom ainda, mas a mamãe era assim mesmo. Porque sabia que não havia dinheiro senão para alguns presentinhos de Natal para as crianças, ela sorrira e dissera aquilo do seu vestido.

— E ainda mais porque ela pensa que nós não podemos comprá-lo, gostaria de lhe fazer essa surpresa, Rosita disse a Paulo, que colocava as batatas na cinza.

— Eu tambem, concordou logo o menino para mostrar que, embora estivesse assando batatas, pensava no vestido.

— Mas como comprá-lo? continuou êle. Se agora fosse o verão, eu iria às fazendas e colheria feno ou cavaria a terra. Mas o que a gente pode fazer neste tempo? Nem tem caído neve bastante para se juntar com a pá.

— Tambem não ha nada que eu possa fazer, acrescentou Rosita. Guardei parte do que ganhei, mas não é nem a metade do que precisamos.

Paulo tinha doze anos e Rosita, dez. Eram ambos crianças ativas da roça — ativas para brincar e trabalhar. Brincavam bastante e assim o trabalho lhes parecia divertido; trabalhavam bastante e assim os brinquedos pareciam um descanso.

Estavam sòzinhos aquela manhã porque o papai e a mamãe tinham ido à cidade. Eles pensaram que podiam inventar algum jeito de resolver o problema do vestido de seda, mas depois de muita discussão êle ainda estava sem solução.

— Além disso, disse Rosita, nós queriamos comprar uma corrente para o relogio de papai. Estou vendo que só escolhemos presentes errados.

Eles abandonaram a questão por um pouco.

Na tarde seguinte as crianças vinham voltando da escola no cabriolé conduzido pelo Negro, o pônei de Paulo. Começou a nevar um pouco.

— Pode ser que eu possa padejar a neve, afinal, Rosita, disse Paulo, olhando para a nuvem que descia sobre o vale.

Rosita sorriu:

— Pode ser que sim, disse ela.

Em dez minutos uma tempestade de neve caía sobre êles. Em vez de flocos esparsos eram agora tão grossos e constantes que mal se podia enxergar a estrada adiante.

Negro não gostava da neve. Sacudia a cabeça impacientemente para tirá-la de seus olhos. Ele foi andando devagar, como se soubesse que devia ser cuidadoso no conduzir

tão preciosa carga. Rosita abriu a capa e cobriu-se bem com ela e a seu irmão.

A neblina os envolvia. Até parecia noite, tão escuro estava por causa da neve que caía. As crianças ficaram quietas por algum tempo. Paulo estava ocupado guiando o animal, apesar de não ser necessario senão deixar o Negro seguir o seu caminho.

— E se o Negro perder o caminho? exclamou Rosita de repente, com o labio inferior a tremer.

— Tolices! Paulo ralhou com pose de irmão mais velho. Confie em Negro. Ele já tem estado muitas vezes nesta estrada para se perder. Além disso, que jeito de se perder quando só ha uma estrada, e ainda estreita?

— Acuda! exclamou Rosita, ao ver as luzes de um automovel que frechava sobre êles.

O motorista certamente não viu o cabriolé envolto pela neblina, pois dirigia o carro no meio da estrada. Paulo virou o Negro tanto para a direita que a roda dêsse lado passou na beiradinha da vala da estrada. O auto passou como uma flecha, roçando a roda à esquerda do cabriolé. As crianças nem souberam se o motorista chegara a vê-las.

Paulinho deu um suspiro.

— Uf! Escapamos por um trís, disse baixinho. Vamos, Negro! Vamos dar um jeito de chegar em casa antes de um novo encontro.

Com a rédea êle deu leve chicotada. O pônei andou uns passos e parou firme como um tronco.

— Ande, Negro! E-ê-ê, coragem! exclamou Paulinho.

Mas o pônei nem se mexia. Paulinho deu-lhe com o chicote e ralhou.

— O que será que êle tem? Rosita perguntou numa voz tremula. Ele nunca fez assim!

Paulo entregou a rédea a sua irmã e pulou fóra. Viu alguma coisa por terra e parou.

— Venha aqui, Rosita, êle chamou.

Rosita ligou a rédea e correu depressa. Um homem jazia deitado na estrada, aos pés de Negro.

— E' o velho Pedro, o mascate! ela gritou.

— Sim, respondeu Paulinho, aquele automovel deve tê-lo ferido, — coitado!

O homem mexeu-se e abriu os olhos. Imediatamente Paulinho e Rosita ajoelharam-se a seu lado. Ele olhou para os dois.

— Oh, é a menina Rosita e o Paulinho, disse com voz fraca.

— Que é que foi, Pedro? perguntou Paulinho.

— A neve... caía tanto que êle não me viu. Vou pegar minha sacola e marchar para a cidade antes que caía mais neve.

Estendeu a mão, pegou a sacola de couro, ao lado, pela correia. Quis levantar-se, mas caiu de novo.

— O senhor não vai poder carregar sua sacola até a cidade esta noite, disse Paulinho. E' melhor Rosita e eu o ajudarmos a subir no cabriolé e o levarmos para em nossa casa passar a noite.

— Não, não! Vocês são muito bonzinhos, mas isso não!

Tentou erguer-se outra vez, mas as pernas não tinham forças.

— Vocês têm razão, êle disse afinal. Eu não posso ir.

Rosita e Paulinho o ajudaram a subir no cabriolé. Então Pedro arrastou a sacola pelas correias e as duas crianças ergueram-na com todas as suas forças e conseguiram metê-la no cabriolé, atrás do banco. Rosita empoleirou-se regaladamente sobre ela e Negro seguiu o seu caminho.

O papai e a mamãe esperavam ansiosos por êles. Ficaram surpreendidos ao ver Pedro no cabriolé. Havia anos que Pedro passava semanalmente pela vizinhança, mas nunca alguem o vira num cabriolé. Ele sempre andava pelas estradas das fazendas, carregando a sacóla.

Era um tipo alegre de homem As crianças ficavam contentes quando êle chegava em suas casas, porque trazia a sacola cheia de coisas bonitas: fitas, vidrilhos, braceletes, relogios, anéis e lindos vestidos. Elas sempre desejavam que a mãe comprasse alguma coisa, porque quando ela comprava Pedro dava às crianças um brinquedinho qualquer.

Paulinho contou para o papai e para a mamãe como encontraram Pedro caído na estrada. Pedro tambem acrescentava aqui e ali uma ou outra coisa fazendo muitos gestos com a cabeça e as mãos.

— Paulo e a menina Rosita foram muito bons, disse, mas eu não devia ter vindo aqui com êles. E' muita coisa.

— De certo que você devia, Pedro, disse o papai. Nós estamos contentes por ter vindo.

— De certo que sim, disse a mamãe. Esteja à vontade; daqui a pouco vamos jantar. Pela manhã então o senhor estará bom para ir.

Mas na manhã seguinte Pedro não estava bom. A mamãe fê-lo sentar-se numa cadeira grande, confortavel, perto da lareira, e nela

êle se deitou e ficou descansando, a cochilar. Havia uns vinte centimetros de neve no chão, mas o céu estava limpo. O papai e Paulinho atrelaram Negro ao trenó nessa manhã, em vez do cabriolé. Que divertido não era ir à escola numa manhã de neve !

Pedro ainda estava perto da lareira quando as crianças voltaram à tarde. Recostara-se sobre o cobertor quente que a mamãe pusera atrás de si. Seus olhos estavam fechados.

Paulo e Rosita entraram na pontinha dos pés e puseram os livros sobre a mesa.

— A mamãe está recolhendo os ovos, Paulo, cochichou Rosita. Vamos falar sobre o Natal agora que ela está fóra.

— Não temos muito que falar, Rosita. Vamos esquecer de uma vez o vestido de seda e pensar em comprar alguma coisa mais barata com o nosso dinheiro, respondeu Paulo em voz baixa.

— E' uma pena. Nada poderá ser melhor que um vestido, um lindo vestido azul com botões prateados e uma gola de renda crême. Como ficaria bem para a mamãe !

— Mas eu não posso arranjar um jeito de ganhar dinheiro, de hoje até o Natal. Depois do Natal vamos começar a economizar para podermos comprar um vestido e uma corrente de relogio, no ano que vem.

— Eu não vou desistir, declarou Rosita.

Pedro mexeu-se na cadeira.

— Olá, Pedro, inquiriu Rosita, está melhor hoje ?

— Muito melhor, graças a você, ao Paulo e aos seus bons páis.

— Paulo e eu temos servicinhos a fazer. Voltaremos logo para conversar com o senhor. Eu sei que está aborrecido de ficar sòzinho.

Depois de meia-hora eles voltaram e viram que Pedro tinha aberto a sacola.

— Será que voces gostariam de vêr ? disse êle rindo gostosamente.

— Sim, sim ! êles gritaram juntos.

Quando a mamãe voltou, encontrou os tres sentados no chão, com uma porção de coisas lindas ao redor. Pedro era todo satisfação. Ele experimentava em Rosita todos os colares de contas, e Paulo aproveitava a ocasião para examinar à vontade todas as bolas, canivetes e relogios.

— Até parece uma visita do Papai Noel, êle disse numa risada, repondo os tesouros no lugar.

Então Pedro tirou os vestidos. Um por um êles foram admirados. Por fim mostrou um azul.

— Que lindo ! exclamou a mamãe.

— E tem botões prateados, acrescentou Paulo dando uma olhadéla de surpresa para Rosita.

— E uma gola de renda creme ! exclamou Rosita, olhando interrogativamente para o irmão.

— E' justamente o que..., Paulo ia falar mas Rosita fez-lhe um sinal e êle parou.

Esquecera-se de que a mamãe estava perto.

Pedro riu, mostrando os dentes reluzentes, e dobrou o vestido azul.

— Quanto custa ? perguntou Paulo.

— Custa cem mil réis.

— Cem mil réis ! repetiu Paulo.

Era o mesmo que se fosse um conto de réis. Ele olhou para Rosita como se dissesse : "Eu não disse ?"

No dia seguinte, quarta-feira, Pedro sentia-se bem para partir. Ofereceu dinheiro à mamãe pelo trabalho que lhe dera, porém ela recusou.

— Eu gosto de fazer as coisas para meus amigos, ela disse.

Sabado pela manhã as crianças vestiram-se para ir à cidade comprar presentes. Que insignificantes não seriam êles, comparados ao vestido azul e à corrente de relogio !



Antes de sairem chegou a correspondencia. Paulo correu a recebê-la.

— Olá, Paulo, o Natal já está chegando, de fato! alegremente exclamou o carteiro. Aqui está um pacote para vocês.

— Tem certeza de que é para nós? perguntou Paulo, meio duvidoso.

— E'! Como não! A letra è exquisita, mas eu posso ler. *Paulo e Rosita Ortéga.* E aqui está uma carta com a mesma letra.

Entregou a carta ao Paulo. Este correu para casa com o embrulho debaixo do braço.

O papai estava arreando os cavalos. A mamãe estava fechando os pintinhos no galinheiro antes de saír. Não havia ninguem em casa. Rosita trouxe a tesoura da mamãe para cortar o barbante. Levaria muito tempo para desmanchar os nós. Mãos tremulas abriram o embrulho. Era o vestido azul com os botões de prata!

— Oh! foi tudo quanto as crianças puderam dizer.

Paulo leu a carta:

Queridos amigos Paulo e Rosita: Eu não stava dormindo quando cs dois conversavam sobre o vestido e a corrente de relogio. Mando o vestido para darem à sua mamãe. E' o presente de vocês para ela. E' a minha paga por vocês me haverem levado a sua casa. Não se ofendam com isso. Estou bem contente porque minha mãe, que eu deixei na Italia, chamava-se Rosita. Vocês podem comprar uma corrente de relogio com o dinheiro que ajuntaram. Feliz Natal.

Pedro.

Os passos da mamãe ouviram-se à porta.

— Depressa, Paulo! Esconda! gritou Rosita. Paulo guardou o vestido e o papel na gaveta do guarda-roupa e foi encontrar-se com sua mãe.

— Estão prontos? ela perguntou.

— Estamos! foi a resposta. Mamãe, a senhora nos ajudará a escolher uma corrente para o relogio do papai?

— Com prazer, replicou a mamãe. Mas vocês deveriam ter comprado a corrente do Pedro.

— Pedro adoravel! Paulo e Rosita disseram docemente.

BRINQUEDOS E JOGOS

O FAZENDEIRO E O LOBO

Este jogo francês é muito interessante. As crianças escolhem um *fazendeiro* e um *lobo*. O *lobo* conserva-se afastado até que o brinquedo tenha sido preparado da seguinte forma:

O *fazendeiro* marca uma quadra grande no chão, com um páuzinho, se o quintal é de terra, ou com giz, se for cimentado. Essa quadra representa a fazenda. O *fazendeiro* segreda a cada criança um nome de ave ou animal — *galinha, pato, boi, cachorro,* etc., ao mesmo tempo que vai pondo os meninos dentro da quadra. Ele fica fóra. Nisso chega o *lobo*, que pergunta ao *fazendeiro*:

— Tem algum bicho para me vender?

O *fazendeiro* replica:

— Tenho!

— Quais são?

Replica o *fazendeiro*:

— Uma *galinha*, um *pato*, um *cachorro* (e assim por diante, nomeia todos).

O *lobo* diz, por exemplo:

— Eu quero um *boi*. Quanto custa?

O *fazendeiro* diz:

— Custa cinco mil réis. (Nunca deve ser *menos* que cinco, pois cada mil réis representa tempo, como irão logo ver).

Então o *lobo* dá cinco batidas na mão do *fazendeiro*, uma para cada mil réis. Enquanto ele faz isso, a criança que é o *boi* corre depressa. Tendo acabado o pagamento, o *lobo* dispara atrás dela. Durante a perseguição as crianças dentro da quadra imitam mugidos (cacarejos ou latidos ou grasnados, em se tratando de outros bichos). Se o *boi* consegue entrar novamente na quadra sem ser preso, o *lobo* tem de comprar outro bicho. Mas cada vez que é mal sucedido na caça, o *lobo* paga preço mais elevado para um novo animal. Por outro lado, se êle consegue prender o animal, este tem de o ajudar a pegar o outro que o *lobo* irá em seguida comprar. O *lobo* continua comprando os bichos até ter comprado todos, menos dois. Sempre, os bichos que êle pega ajudam a caçar o outro, mas nunca podem correr atrás do novo bicho antes de o *lobo* pagar os mil réis correspondentes ao seu preço. As duas crianças que restam no fim do jogo ficarão sendo, para a repetição do mesmo, o *fazendeiro* e o *lobo*.

Rosa Bonheur

AS crianças estavam brincando de soldado. Rosa era o capitão. Seus irmãos e os meninos vizinhos marchavam atrás dela. Subiam e desciam a rua, alegres, seguindo o chefe. Muitas meninas francêsas estavam entretidas com seus bordados, mas isso não se dava com Rosa. Ela preferia muito as correrias com meninos. Seu pai chamava-a "menino de saióte".

Rosa gostava de animais tambem — mais do que a maioria das crianças. Quando tinha só quatro anos, fez desenhos interessantes de animais, em muros brancos, o mais alto que podia alcançar.

A familia Bonheur vivia em Bordeaux. Rosa tinha dois irmãos, Isidore e Auguste, e uma irmã chamada Juliette. O pai era um pintor pobre. Ele resolveu mudar-se para Paris na esperança de obter maiores lucros.

Rosa ficou triste por deixar os seus queridos animais. Mas assim que a familia chegou em Paris ela arranjou um carneiro, ao qual muito se afeiçoou. Seus pais mandaram-na a uma escola de meninos com os irmãos. Rosa tinha ares de rapaz e brincava com os colegas com todo o desembaraço. Mas mesmo em Paris poucos eram os alunos do Snr. Bonheur e a pobreza reinava no lar. Quando Rosa tinha onze anos sua mãe faleceu. Ela foi então frequentar uma escola para moças; mas não gostava de estudar. Tinha predileção por desenhar animais e por isso pediu ao pai que a deixasse ficar em casa. E insistiu tanto nisso que afinal obteve seu consentimento. Naqueles tempos nem se falava em pintoras. Isso não era profissão propria para uma senhora. Mas Rosa progredia na arte, encorajada pelo pai.

Ia frequentemente visitar o Museu do Louvre para estudar as obras dos grandes mestres. Observava mais atentamente os quadros de animais. Em casa Rosa tinha um quarto de pintura, que mais dava a impressão de uma Arca de Noé com todos aqueles bichos: coelhos, esquilos, cães, gatos, marrecos e canarios. Mas isso não satisfazia a jovem artista. Ela queria estudar animais grandes, tais como cavalos e vacas. A familia não tinha dinheiro para mandá-la ao campo; por isso ela ia ao mercado de animais em Paris. Ali fazia esboços, que passava depois para as telas.

Certa vez um circo passou pela cidade. Um dos encarregados deixava a jovem trabalhar à vontade no lugar onde os animais ficavam. Rosa deleitou-se pintando leões, tigres, elefantes, e outros animais.

Passaram-se anos. Sem que o soubesse, seus trabalhos tornaram-se conhecidos por toda a parte. Parecia que os animais iam saltar das telas, tão ao vivo eram pintados. A fama de Rosa Bonheur correu mundo. Agora não lhe faltava dinheiro, pelo que ela pôde morar numa grande casa de campo na floresta de Fontainebleau. Ali estava rodeada de todos os animais que queria. Os ferozes cães de guarda ficavam como cordeiros à sua presença. Aquietavam-se os leões quando ela lhes alisava as jubas.

E' dificil pintar animais visto como êles não ficam sossegados. Rosa gostava de imprimir nos seus quadros aqueles movimentos nervosos e os reflexos de luz do pêlo deles. O veado da floresta olhava-a como se a conhecesse. Era como se os animais percebessem que ela os amava. Rosa dizia que êles podiam logo saber quem era amigo ou inimigo. *Ela* era amiga.

Hoje, se algum *Bem-Te-Vista* visitar os museus europeus poderá apreciar os quadros de Rosa Bonheur. Um deles, o de nome "A Feira de Cavalos", foi adquirido em 1887 para o Museu Metropolitano de Nova York.

Um dia, quando Rosa Bonheur pintava, recebeu a visita da bela imperatriz Eugenia. Esta trazia uma condecoração refulgente. Era a Cruz da Legião de Honra.

— Vós a conquistastes e bem mereceis usá-la, disse a imperatriz.

Encheram-se de lagrimas os olhos de Rosa. Ela sabia que nenhum filho da França poderia aspirar a mais subida honra. Por isso perseverou firme no seu trabalho, procurando fazer jús a tão alta distinção. Rosa Bonheur foi muito feliz. Na bela floresta que a rodeava ela organizou classes grátis de arte, ministrando seus conhecimentos a quem quisesse aprender a pintar.

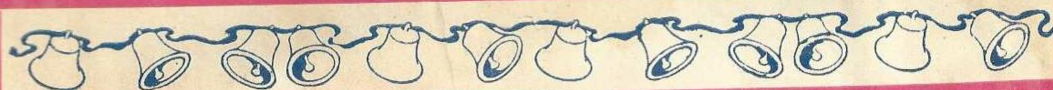
Os homens ficaram mais bondosos para os animais em virtude dos quadros de Rosa Bonheur e decretaram leis em algumas cidades visando o seu bem-estar. A famosa pintora, pois, com os seus quadros não sómente incrementou a arte de pintura, como favoreceu os seus queridos animais. Rosa Bonheur nasceu em 1822 e morreu em 1899.



1) Completar : *A discreção do homem fá-lo tardio em irar-se . . .* ?
2) As palavras mágicas em virtude das quais se abriu a Caverna de Ali-Bábá ?
3) Quem era o grande heroi de Atenas ?
4) Que grande viajante italiano veiu a ser governador de uma provincia chinêsa ?
5) De que rei europeu diz-se que dormia por muito tempo dentro do seu caixão antes da sua morte ?
6) Quantos anos erraram os Israelitas pelo deserto ?
7) Qual é a velocidade das ondas do radio ?
8) Qual foi o primeiro presidente eleito da Republica Brasileira ?
9) Que moça inglêsa salvou nove vidas de um naufragio ?
10) Qual é o mais antigo instrumento musical ?
11) Que animal anda com quatro pernas pela manhã, com duas de dia e com tres à noite ?
12) Qual o primeiro filho de Adão e Eva ?
13) Se a baleia é um peixe ?
14) De onde se originaram todas as grandes religiões do mundo ?
15) Qual é a universidade mais velha do mundo ?

RESPOSTAS ÁS PERGUNTAS DE DEZEMBRO :

1) *Porque ele salvará o povo dos pecados dele.*
2) Na peninsula de Sinai, entre o Egito e a Palestina.
3) Vem de *Jock*, que é o equivalente de Joãozinho, em escocês.
4) Atalanta.
5) Córsega, onde nasceu ; Elba, para onde foi exilado ; e Santa Helena, onde morreu.
6) No Jardim do Eden.
7) O lugar onde nasceu William Shakespeare.
8) Em geral, cinco ; ás vezes, mais.
9) Franz Schubert (1797–1828).
10) Com a Austria.
11) Elixir Doria.
12) Sherlock Homes.
13) Myron Clark.
14) Um cachorro com tres cabeças, que guardava a entrada do inferno, segundo a mitologia grega.
15) José.



Invocação

Letra — Eduardo Moreira | Musica — Renato Ribeiro dos Santos

Larguetto

Vem ou - vir es - tas cri - an - - - ças, Pai do Céu Deus
Dá - lhes do-ces es-pe - ran - - - ças,

de bon - da - de, Na dou - tri - na da ver - da - de.

